

DOSSIÊ SOBRE AUGUST AICHHORN: UM PEQUENO PREÂMBULO

DOSSIER ON AUGUST AICHHORN: A SMALL PREAMBLE

Era início do segundo semestre de 2016 e começávamos, em uma pequena sala do Instituto de Psicologia da UFRGS, a estudar, através da proposta de leitura dirigida, no âmbito do PPG Psicanálise: clínica e cultura (UFRGS), August Aichhorn – educador e psicanalista das primeiras gerações de psicanalistas, envolvido com as fronteiras da psicanálise e educação, cuja vida e obra repousam em certo limbo na história do Movimento Psicanalítico.

Conhecíamos Aichhorn por ele ser eventualmente citado ao lado de Oskar Pfister, como um dos interlocutores de Freud acerca dos possíveis diálogos entre Psicanálise e Educação ao longo da década de 1920. Além, é claro, do Prefácio que Freud escrevera, em 1925, ao seu livro *Juventude Abandonada. A Psicanálise na Educação Assistencial*, que se encontra nas Obras Completas.

Afora os diálogos no campo da Psicanálise e Educação, nossa curiosidade na direção de Aichhorn também era relativa a conhecer melhor suas incursões com a educação de jovens delinquentes – como eram chamados na época. O trabalho com a socioeducação, o equivalente contemporâneo ao que Aichhorn fazia na Instituição de Oberhollabrunn, nos arredores de Viena do início do século XX, gerou-nos muitas reflexões, associações e questionamentos, tanto relativos ao que veio antes de nós como em relação ao que virá depois – referimo-nos aqui, especialmente, à discussão sobre o tema da maioridade penal e outras nuances acerca do tema da delinquência juvenil.

Resultou da leitura deste clássico, um pouco desconhecido da Psicanálise, uma vontade de passar adiante essa experiência tão surpreendente com o texto de Aichhorn - pois será justamente com os efeitos transferenciais, produzidos pela letra do autor, que o leitor se encontrará! Esperamos que estes quatro artigos, produto de nossa experiência com sua obra, possam também produzir efeitos de surpresa e inquietação nos leitores.

Conhecer detalhes do trabalho de Aichhorn com os adolescentes infratores de sua época e encontrarmos tantas ressonâncias com questões atuais deste campo, fez-nos perceber que não se trata de **passado morto, mas sim de experiências vivas a ponto de se deixarem reescrever pelas letras do presente. Que possamos seguir nesta espiral de transmissões, potencializando o surgimento do novo de cada tempo, através das inúmeras leituras possíveis que só um grande clássico nos permite!**

Rose Gurski